

CAMINHOS DA **UFSC** REBELDE



**RESISTÊNCIA POPULAR ESTUDANTIL
FLORIPA**

O que é?

Caminhos da UFSC Rebelde é uma caminhada guiada pela Universidade Federal de Santa Catarina, de duração variável entre duas e quatro horas. As diferentes propostas de rotas foram pensadas para contemplar os principais monumentos e pontos de memória da vida universitária, com ênfase nos locais marcantes das lutas sociais dentro da universidade, tanto do movimento estudantil quanto sindical e popular.

Os Caminhos da UFSC Rebelde começaram com a prática do BioTour, tradicional na recepção de calouras na Biologia, e foram ampliadas e adaptadas pela RP para contemplar mais locais de toda a UFSC e oferecer a caminhada em recepções de outros cursos, congressos e eventos estudantis.

Por quê?

O objetivo é criar uma prática coletiva de memória, um resgate histórico do ponto de vista das de baixo, aquelas e aqueles que, em geral, não figuram nos quadros do Hall da Reitoria, nem nos cerimoniais comemorativos, mas que dedicaram alguma parte de suas vidas para fazer da UFSC um espaço a serviço do povo. Com isso, pretendemos estimular as lutas estudantis, sindicais e populares do tempo presente com os exemplos e aprendizados daquelas que nos antecederam.

Reconhecimento

Só podemos escrever um pouco sobre as lutas do passado porque ouvimos as histórias de lutadoras e lutadores que passaram pela UFSC – ou que ainda continuam suas batalhas aqui, que também são as nossas. Além de protagonizar reivindicações, ajudaram a manter viva a memória de rebeldias, que podem agora nos ensinar e inspirar. Entre tantas outras pessoas, merecem citação aqui as integrantes do Acervo Memória e Direitos Humanos da UFSC, Comissão da Verdade e Memória da UFSC, Rosana Nascimento, Loureci Ribeiro, Elisa Jorge, Marcos Aurélio dos Santos, Elaine Tavares, Hélio Rodak, que, na maioria dos casos, nem sabiam que estavam contribuindo com este projeto, mas escreveram histórias da UFSC das de baixo ou relataram elas em mobilizações em que estivemos presentes. Qualquer falta ou equívoco de nosso passeio, no entanto, só podem ser responsabilizados a nós da RP.

Acessar o material e fazer o trajeto por conta própria é bom, mas o maior valor é ouvir a história e criar laços com quem a viveu e protagonizou!

Resistência Popular Estudantil
Flóripa
2021

MAPA DO PASSEIO

LEGENDA

1. RU
2. CENTRO DE CONVIVÊNCIA
3. LAGUINHO
4. ELEFANTE BRANCO
5. REITORIA
6. PIRA DA RESISTÊNCIA E TÚMULO CATATAU
7. PRAÇA DA CIDADANIA E MONUMENTOS
8. ABRAZO ANDINOAMERICANO
9. HU
10. MORADIA ESTUDANTIL
11. COLÉGIO DE APLICAÇÃO
12. EFI
13. LABIRINTO DO MINOTAURO
14. MARQUE
15. BOSQUE
16. EDU VIEIRA



Dizem os mais antigos que o RU já serviu suco natural de laranja durante as refeições. No final dos anos 2000 só tinha água; na metade dos anos 2010, havia suco de máquina; hoje nos resta comemorar quando a água ainda está gelada.

Em 2009, o RU já chegou a ter três alas, contando com o restaurante Pivatello que só abria à noite no segundo andar do Centro de Convivência, mas em 2011 ficou pronta a construção da nova ala, que fechou todas as outras - mas nunca deu conta da demanda necessária.

A estudantada sempre lutou pelo RU e através do RU: nos anos 1990, uma ocupação estudantil tomou sua cozinha durante uma greve e fez comida para todo mundo (com estudantes respondendo processos judiciais por muitos anos). No final de 2000 e início da década de 2010, foram marcantes os “bandejaços” pela 3ª ala, as intervenções “morreu de fome na fila do RU”, os estudantes-garçons servindo vinho e tocando violino para denunciar a precariedade do serviço, e principalmente as campanhas “Prata, lava meu prato” e “Prata, receba meu recibo”, que levaram centenas de pratos sujos para a sala do Reitor Álvaro Prata, ou que colaram centenas de recibos na Reitoria enquanto a UFSC não dava nenhum apoio estudantil com a ausência de RU.

Suas filas são o lugar mais privilegiado para uma panfletagem; suas mesas convidam a realização de um jogral como tática de mobilização. O restaurante é, também, um dos principais locais de convivência entre estudantes, servidoras técnicas e principalmente as trabalhadoras terceirizadas - cuja luta por emprego digno precisa se impor de frente à progressiva precarização, que vem desde a extinção de cargos como cozinheira da carreira dos TAEs em 1998.



Assembleia estudantil que deliberou por greve em 2000, dentro do antigo RU.
Fonte: Facebook de César Augusto.

Vídeo de bandejaço pela 3ª ala do RU UFSC (2007):
<https://www.youtube.com/watch?v=avM8G5uJo7c>

Texto do SINTUFSC sobre o ato “Prata, lava meu prato” (2009):
<http://www.sintufsc.ufsc.br/2009/04/prata-lave-o-meu-prato/>

Convocação do ato “Prata, receba meu recibo” (2011):
<http://desclassificadosufsc.blogspot.com.br/2011/08/quarta-feira-dia-17-de-agosto-participe.html>

Vídeo “Prata, receba meu recibo” (2011):
<https://www.youtube.com/watch?v=xLGH-aadV8Q>

A atual sede do DCE e da APG tem uma história à parte. Construído em 1979, foi historicamente um prédio gerido por estudantes para o lazer, as atividades políticas e mesmo o financiamento das entidades. Sob o seu teto, já aconteceram shows como de Belchior, já existiram rádios livres como a Tarrafa, já aconteceram dezenas de oficinas abertas promovendo arte e cultura, aconteceu em 2019 a maior assembleia da pós-graduação da história da UFSC, entre outras memórias. Nos últimos dez anos, em três momentos já houve ocupações estudantis para que o espaço se mantivesse aberto e vivo, apesar das tentativas frequentes da Reitoria em fechá-lo. Hoje, além das entidades estudantis, resistem nele os projetos de cultura africana e afrobrasileira da Sala Aruanda, como a capoeira e a dança afro, e a Sala Quilombo, gerida pelo movimento negro.

Roda de capoeira com diversos mestres em frente ao Convivência, em 1998:

<https://www.youtube.com/watch?v=J-JR9hQfs5w>

Página da ocupação no Convivência de 2014:

<https://www.facebook.com/convivendonovivencia>

Página da campanha “Não deixe o Convivência morrer” (2017):

<https://www.facebook.com/convivenciareviste/>

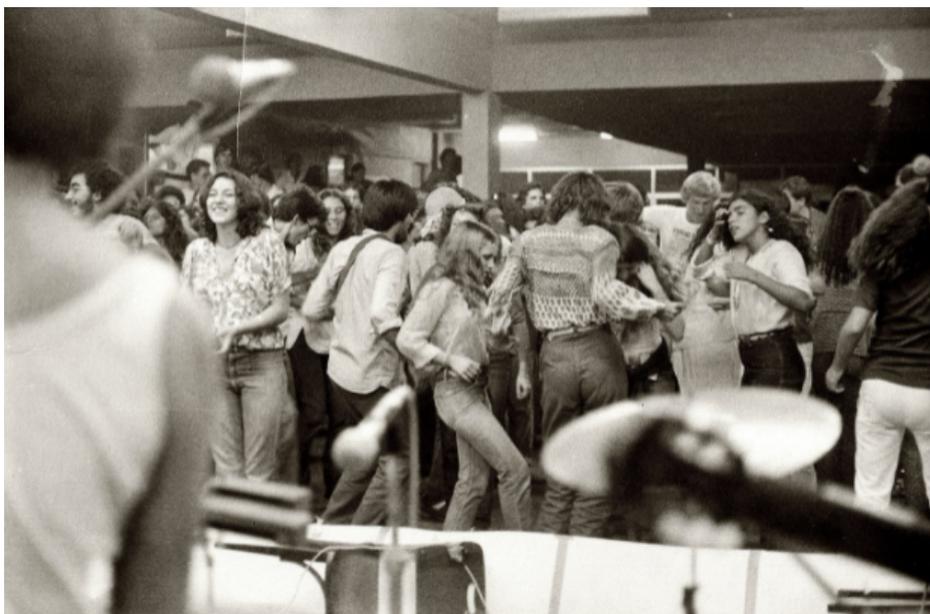


Foto de 1979 ou 1980.

DCE: o Diretório Central de Estudantes da UFSC leva o nome de Luís Travassos, estudante da PUC-SP que foi presidente da UNE e que foi preso no congresso de Ibiúna (1968) junto com 800 estudantes, alguns dos quais da UFSC. Entre as lutas históricas que o DCE UFSC protagonizou, lembramos da oposição à reforma universitária da ditadura em 1968, que teve a UFSC como balão de ensaio, onde se organizou uma greve geral estudantil junto à pauta local do contrato superfaturado da moradia estudantil - que obteve vitória. Passados os anos mais sombrios de perseguição, o DCE volta à história pela organização da manifestação que ficou conhecida como Novembrada, em 1979, quando insuflou uma grande revolta na cidade contra o ditador Figueiredo, um dos momentos que acelera o final da ditadura. Por fim, cabe lembrar as lutas pelo transporte público. Em 2004 e 2005, nas vitoriosas Revoltas da Catraca, o maior destaque recai às estudantes secundaristas da cidade, incluindo o Colégio de Aplicação da UFSC, mas nas lutas entre 2009 e 2013 - incluindo aí a grande jornada de 2010, que deu origem ao filme Impasse, e Junho de 2013 - o DCE da UFSC, sob gestões de diferentes correntes de esquerda, teve grande participação na Frente de Luta pelo Transporte Público.

Resistência à ditadura: Em maio de 1968, enquanto estudantes em Paris se juntavam aos trabalhadores em greve nas barricadas, estudantes da UFSC organizaram a primeira Greve Geral da Universidade, na luta contra uma parceria da Reitoria com o empresário local Daux, que lucrava em cima das moradias estudantis, e contra o acordo MEC-Usaid, parceria das Universidades públicas brasileiras com as políticas liberais dos EUA, que visavam as privatizações. David Ferreira Lima, que atualmente dá nome ao campus Trindade, era reitor nessa época e colaborou amplamente com a ditadura civil-militar, implementando o projeto de universidade na UFSC, defendendo ele na ANDIFES, e também entregando trabalhadoras e estudantes da universidade para a repressão. Em 1968, a greve foi vitoriosa em derrubar o contrato com Daux e forçar os militares a liberar verbas para a UFSC. No final desse ano, viria a repressão ao Congresso da UNE de Ibiúna e o AI-5, com a prisão de 15 estudantes da UFSC. Essa e muitas outras histórias foram descritas pela Comissão Memória e Verdade da UFSC em 2018. Junto ao lançamento de seu Relatório Final, foi construído pelo DCE um singelo memorial em frente à atual sede.



Foto do lançamento do memorial em frente ao DCE UFSC, organizado pela gestão “Ainda há tempo”.

Documentário “Impasse” (2010):
<https://vimeo.com/50301453>

Vídeo “A bendita porta de vidro” (2011):
<https://www.youtube.com/watch?v=VFAWB5YKnug>

Vídeo da inauguração da atual sede do DCE e nomeação do Centro de Convivência Adolfo Luis Dias (2013):
https://www.youtube.com/watch?v=T_46k_5TvSc

Vídeo sobre a nova sede do DCE (2013):
<https://www.youtube.com/watch?v=Me-ulaV-02I>

Vídeo “UFSC Explica: Novembrada” (2019):
<https://www.youtube.com/watch?v=Oi2ma9Q1nJA>

Entrevista com Derlei Catarina de Luca:
<https://www.youtube.com/watch?v=50MnoFqoa3A>

Reportagem sobre o “maio de 1968” da UFSC:
<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/maio-de-1968-estudantes-da-ufsc-em-florianopolis-confrontaram-reitoria-e-foram-as-ruas>

Texto do DCE UFSC na ocasião do lançamento do memorial (2018):
<https://www.facebook.com/dceluistravassosufsc/posts/1630200620434427>

Em 2010, no ápice da ampliação desestruturada do REUNI, a universidade tinha verba em caixa, mas muita falta de professores e mesmo aulas acontecendo em containers. Nesse contexto é construída a atual estrutura do laguinho, com deck de madeira, a homenagem a Franklin Cascaes e o Boitatá Incandescente, construído com restos da Ponte Hercílio Luz.

O Boitatá, que busca representar a relação entre a tradição e a novidade, o velho e o novo em Florianópolis, possuía um olho vermelho de LED e uma câmera que transmitia 24 horas por dia a fila do RU, já há muito desativada e sem reforma.

A cerimônia pomposa de inauguração da reforma, com presença de diversas autoridades, foi interrompida pelo “mergulho no laguinho” de cerca de 30 estudantes do DCE da UFSC, junto com a leitura de uma carta-repúdio às prioridades de investimento da universidade e a ausência de políticas de arte e cultura. Esse mergulho pode ter sido o primeiro, mas certamente não foi o último: há quem diga que a única comemoração possível para uma conquista da luta estudantil ou nas eleições da política universitária é nadar com as garças por ali.



Pulo no laguinho durante cerimônia de inauguração da revitalização no lago.

Vídeo “Eu pulo no laguinho, SIM!” (2010)
<https://www.youtube.com/watch?v=cq5LQ3gWfMc>

O atual Centro de Cultura e Eventos Reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo é chamado por 10 em cada 10 pessoas da UFSC de Elefante Branco, assim, com letras maiúsculas. O apelido é uma expressão popular sobre obras desnecessariamente grandes e que demoram muitos anos para acontecer - o que foi o caso aqui. Também está associado com possíveis casos de corrupção.

O nosso Elefante Branco esteve em construção por mais de 10 anos e só conseguiu sair do papel com uma parceria privada, pela qual o reitor da época acabou questionado judicialmente. Não por acaso, o local tem o aspecto de um shopping center, diferente da estética do resto da universidade. Seu anfiteatro, o maior de Santa Catarina, recebeu em 2019 a maior assembleia da história da UFSC, lotando suas cadeiras, seus corredores e até mesmo espaços externos.

Esse Centro recebeu o nome do ex-reitor Cancellier após a perseguição sofrida por ele na operação “Ouvidos Mucos”, conduzida pela Polícia Federal, que culminou em seu suicídio. A homenagem busca preservar a memória do ex-reitor e firmar um posicionamento político da Universidade contra a truculência perpetrada na investigação.



Assembleia que convocou a greve contra o Programa Future-se na UFSC em 2019.

Nosso prédio da Reitoria chama atenção, antes de tudo, pelo bonito mosaico das paredes, um dos maiores da América Latina. Suas paredes contam histórias dos povos pré-colombianos, do período da colonização dos Açores, além de lendas e saberes populares daqui. Muito diferente da Reitoria 2, prédio sem alma, descaracterizado da arquitetura da UFSC, cujo valor excessivo foi bastante questionado à época da compra.

O hall da Reitoria e a Sala de Conselhos são, talvez, os locais onde as lutas mais convergiram na UFSC, através de incontáveis ocupações. No enfrentamento à ditadura, em 1980, a Reitoria estava ocupada por estudantes. Em 2005, durante uma greve, estudantes ocuparam o CUn reivindicando aumentos nas bolsas, muitas inclusive tiveram que responder a processos que se prolongaram por vários anos.



Mosaico em construção. Fonte: Agecom/UFSC.

Em 2007, assim como em muitas universidades pelo país, a Reitoria foi ocupada por causa da adesão da UFSC ao programa REUNI, que ocorreu de forma atropelada e sem o debate necessário entre a comunidade universitária. Em 2011, a Reitoria é ocupada em meio à greve das TAEs, contra a precarização da universidade e por aumento nas bolsas permanência. Em 2014, após a ação policial violenta e arbitrária no Levante do Bosque, a Reitoria é ocupada contra a presença de policiais nos campi e contra a criminalização estudantil. Em 2015, a Reitoria foi novamente ocupada, dessa vez para tentar barrar a concessão da administração do Hospital Universitário (HU) à EBSEH, uma empresa de direito privado. Até então, o HU funcionava no âmbito do SUS, de forma integralmente pública.

Apesar de todas essas ocupações da Reitoria, provavelmente ainda há muitas que não conhecemos ou não registramos aqui, sem contar as várias outras vigílias, ocupações de um dia, assembleias e manifestações.

Memória da greve estudantil de 2000:

<https://www.facebook.com/cesar.felix.7737/posts/10163096346460176>

Texto do SINTUFSC sobre a criminalização de estudantes em 2005:

<http://www.sintufsc.ufsc.br/2009/07/ufsc-do-seculo-xxi-vai-criminalizar-estudantes/>

Blog da ocupação da Reitoria de 2007:

<https://ocupacaoufsc.livejournal.com/>

Votação do REUNI a portas fechadas (2007):

https://www.youtube.com/watch?v=fIVZltLv_8k



Assembleia na Reitoria ocupada em 1980. Fonte: Acervo Memória e Direitos Humanos da UFSC.



Foto de 31 de agosto de 2007, momentos antes da desocupação da Reitoria por estudantes.

Fonte: Blog da Ocupação da Reitoria da UFSC

Vídeo da desocupação da Reitoria (2007):

<https://www.youtube.com/watch?v=vKT5jTBCNps>

Blog da Frente de Luta por uma Expansão com Qualidade (2010):

<https://frentedeluta.wordpress.com/>

Blog da ocupação da Reitoria em 2011:

<https://ocupacaoreitoriaufsc.wordpress.com/>

Vídeos da ocupação estudantil na Reitoria (2011):

<https://www.youtube.com/watch?v=33Q8VBZBgMQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=6hXfy5h6tnM>

<https://www.youtube.com/watch?v=zNapBI9la4Y>

Texto sobre o mosaico do prédio (2016):

<https://noticias.ufsc.br/2016/10/nossos-monumentos-reitoria-da-ufsc-possui-um-dos-maiores-mosaicos-da-america-latina/>

Outra história bonita e pouco conhecida é a dessa pirâmide invertida que é, na verdade, um monumento sindical e popular, a Pira da Resistência. Ela foi construída em 1998 pelas trabalhadoras que haviam acabado de sair de uma forte greve considerada vitoriosa na Universidade.

A pirâmide representa o símbolo da maçonaria que historicamente deu a linha nas Reitorias da UFSC e está, de forma nada sutil, de ponta cabeça. Sobre ela, flameja uma pira vitoriosa. O monumento está, por fim, bem de frente para o prédio da Reitoria, desafiador. Já sumiu na calada da noite, mas foi novamente colocado no local pelo SINTUFSC.

Não por acaso, em 2009 se somou aí um novo monumento, a lápide do Catatau. Ele foi o mais famoso e o mais rebelde dos UFSCães (apelido carinhoso dado aos cães que vagam pela Universidade), comparado em vida e após a morte com Che Guevara.

Por 12 anos viveu na UFSC, liderou a matilha, acompanhou todas as estudantes de volta para casa depois das festinhas, entrou para assistir aulas em suas salas e, acima de tudo, acompanhou todas as manifestações e protestos da UFSC e da cidade.

Em 2005, participou de uma ocupação do Conselho Universitário e dizem até que sentou na cadeira do magnífico Reitor - não é à toa que ele sempre recebia muitos votos nas eleições para o cargo. Em 2009, caminhou junto com a estudantada até o Centro para participar de um ato do Movimento Passe Livre.

É por essas e outras que, após ter sido morto sem motivo aparente por participantes de um Encontro de Economia, ele se tornou um verdadeiro ícone e até fomentou uma vitoriosa campanha popular para a construção do memorial onde foi enterrado.

Catatau na ocupação do Conselho Universitário de 2005:
<https://www.youtube.com/watch?v=z2vaKYnSpKc>

“Um Tal Catatau”, documentário sobre o Catatau (2009):
https://www.youtube.com/watch?v=PVFJS_IsupQ

Texto “UFSC ainda chora a morte do cão Catatau”:
<https://www.anda.jor.br/2009/07/ufsc-ainda-chora-morte-do-cao-catatau/>



Catatau marchando junto ao Movimento Passe Livre em 2009.

Vídeo da inauguração da placa do Catatau (2009):
https://www.youtube.com/watch?v=9_FeoFG4Pq4

Ato das trabalhadoras técnico-administrativas na “Pira da Resistência” (2014)
<https://www.youtube.com/watch?v=DxMGHMg72I0>

Catálogo Arte na UFSC (2014):
<https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2016/09/Arte-na-UFSC.pdf>

A atual Praça da Cidadania é o marco central do campus, separando a Reitoria e o antigo “Básico” onde acontecia o ciclo básico das graduações, atual CCE. Poucos sabem, mas sua arquitetura - atualmente descaracterizada - foi pensada pelo famoso paisagista Burle Marx, que optou por um projeto com árvores nativas e com o simbolismo de um piano estilizado, visto de cima, que explica as faixas pretas e brancas no chão.

A inauguração da praça, em 1994, foi realizada com uma palestra do filósofo Betinho, que reuniu uma multidão, motivo do monumento a Betinho na praça, que diz que “A fome é um crime ético”. Desde essa época, a rua em frente à praça foi fechada para carros e abrigou pinturas de expressão artística e cultural.

Um fato de 2019 resgatou a história de lutas da praça. O militante Guilherme Boulos, do MTST, veio à UFSC dar uma palestra e setores de extrema-direita convocaram uma manifestação contrária a ele na praça - infelizmente para eles, só vieram umas 20 pessoas, que foram devidamente expulsas por centenas de estudantes e trabalhadoras, em um episódio que deveria ser chamado de Segunda Revoadada das Galinhas Verdes.



Palestra de Betinho na inauguração da praça. Fonte: Acervo da Agecom UFSC.

Monumentos de um lado da Praça:

Além do Monumento Contra a Fome, chamam atenção na praça o Relógio de Sol e o Monumento às Vítimas do Descobrimento da América.

O relógio de sol é um monumento aos açorianos pensado por um estudante da UFSC, em uma parceria com a Universidade dos Açores, que custeou a confecção, mas acabou não construindo sua contraparte em Portugal.

Ele é feito com uma típica roda bolandeira dos engenhos açorianos. Sua angulação representa a latitude em que estamos, o que dialoga com o simbolismo do monumento próximo a ele.

O Monumento às Vítimas do Descobrimento da América está quase todo descaracterizado, mas mostra as Américas em forma de espelho d'água, cortadas pelo Tratado de Tordesilhas, das quais surge o mastro da história intelectual do território, marcada violentamente pela invasão colonial que marca uma inflexão em nossa história.

Apesar de ter sido construído apenas em 1995, ele foi escolhido em um concurso que fez parte do “Projeto América: 500 anos de dominação”, de 1989.

Texto sobre o Relógio de Sol:

<http://noticias.ufsc.br/2016/09/serie-monumentos-relogio-de-sol-homenageia-cultura-acoriana/>

Texto sobre o Monumento às Vítimas do Descobrimento da América:

<https://noticias.ufsc.br/2016/08/nossos-monumentos-os-significados-da-homenagem-as-vitimas-do-descobrimento-da-america/>



Foto de 02/05/1995 mostra a construção do monumento e também a rua com pinturas. Fonte: Agecom UFSC

Do outro lado da rua, além da atual ausência da Concha Acústica, se destaca o monumento “Un Abrazo Andinoamericano as Pessoas Unem”, em portunhol mesmo, feito em 1994 como uma escultura coletiva por uma delegação de estudantes chilenas junto a Lautaro Labbé, ex-diretor do Museu de Arte Contemporânea durante o governo de Salvador Allende.

O monumento representa a união andinoamericana (termo que Labbé propunha por considerar “latino” eurocêntrico) entre o Oceano Pacífico e Atlântico. O grupo havia vindo do Chile para participar do 1º Festival de Arte e Cultura Sem Fronteiras, organizado pelo movimento libertário da cidade, com grande participação do Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT/CED/UFSC), grupo de pesquisa sobre Pedagogia Libertária.

O reitor da época, Diomário, que ofereceu abrigo e apoio às artistas chilenas, conta que chegou a ser apelidado de Diomariosaurus por causa do monumento.

Hoje, podemos passar por dentro do movimento e cantar a “Canción por la unidad latinoamericana”, como foi feito em sua inauguração.

Texto sobre “Un Abrazo Andinoamericano as Pessoas Unem”:

<https://noticias.ufsc.br/2016/09/serie-monumentos-um-abrazo-para-unir-todo-o-continente/>

Jornal LiberNete de 1994 relata o Festival de Arte e Cultura Sem Fronteiras:

<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/27544/libernetete-1994-0012.pdf?sequence=4&isAllowed=y>



Trecho do Jornal Universitário sobre a inauguração da obra.

Fonte: Agecom/UFSC.

HU do povo e CUn na PM: nosso Hospital Universitário perdeu seu caráter de gestão 100% SUS quando aderiu à EBSEH, em 2015. O processo de luta contra a EBSEH vem desde 2012, denunciando o avanço rumo à privatização da saúde que ela representava, tocado por estudantes através do Comitê Estudantil em Defesa do HU-UFSC e do Fórum Catarinense em Defesa do SUS e Contra as Privatizações, junto com SindSaúde, Sintufsc e também usuários do hospital.

Mesmo após uma consulta pública em que ampla maioria da comunidade universitária se posicionou contrária à EBSEH, a Reitoria pressionou de todas as formas pela adesão. Uma sessão do CUn chegou a ser ocupada à força pelos movimentos populares para impedir a votação da adesão. Como resposta, a reitora Roselane Neckel, eleita com uma plataforma de esquerda, protagonizou um episódio lamentável para a história da instituição, levando uma sessão do CUn para dentro de um quartel da Polícia Militar, para evitar os protestos e aprovar a adesão.

Apesar disso, o HU UFSC merece ser lembrado pelo serviço público e de qualidade prestado a toda a sociedade catarinense (como a APG UFSC registrou no belo mini-documentário listado abaixo) e também iniciativas como o Horto Medicinal, espaço privilegiado para o estudo e divulgação das plantas medicinais, que pode ser conhecido através do site <https://hortodidatico.ufsc.br/>.



Conselheiras e conselheiros saindo do CUn dentro do quartel da PM.

Aprovação da EBSEH no HU

https://www.youtube.com/watch?v=HJOLdyGV_bo

Pressão no CUn contra EBSEH

https://www.youtube.com/watch?v=A_IdIH5B-6U

Ato contra EBSEH no HU durante greve de 2014

<https://www.youtube.com/watch?v=stP5qif8YpY>

Hospital da UFSC, hospital do povo! O Hospital Universitário em meio aos cortes na educação (2019)

https://www.youtube.com/watch?v=S7P8_vl6VjE

As moradias estudantis são locais históricos para as lutas estudantis em muitas partes do país. Na UFSC não é diferente. A maior parte das pouquíssimas vagas existentes hoje foi conquistada na marra através de ocupações, como relata o texto do UFSC à Esquerda abaixo.

Em épocas mais recentes, cabe citar a campanha “Minha casa no campus” de 2009, quando o DCE convidou estudantes a encher a Universidade com barracas para reivindicar mais vagas e o episódio de 2016, quando estudantes que ocupavam o PAEP foram despejados pela Reitoria com auxílio de um grande efetivo policial.



Capa do “JORNAL da CEU”, editado em 2009.

Texto com história das ocupações por moradia estudantil na UFSC:

<https://ufscaesquerda.com/opiniao-quem-se-beneficia-da-actual-politica-de-moradia-estudantil-da-ufsc/>

Vídeo “Estudantes Expulsos - a situação da moradia estudantil na UFSC”, do UFSC à Esquerda:

<https://www.youtube.com/watch?v=t3ec1hslkVU>

Aplicação tem sua própria história de rebeldia, principalmente pelas mãos e braços das estudantes e do GECA, o grêmio estudantil. São lendárias as histórias da época das Revoltas da Catraca, quando a estudantada secundarista arrastava boa parte da escola para somar forças nas marchas contra a tarifa.

Merece lembrança também a ocupação estudantil de 2016, contra a PEC 55, o Teto de Gastos, e a criação do Coletivo pela Educação e Liberdade, uma articulação de servidores do Aplicação e pais e mães da escola, do mesmo ano.



Foto da ocupação estudantil do Aplicação em 2016.

Diário da ocupação de 2016:

<https://diariodaocupacao.wordpress.com/>

Coletivo pela Educação e Liberdade:

<https://www.facebook.com/coletivoEL>

Inaugurado em 2012, esse é um dos prédios da fase REUNI, em que a Universidade aprovou a construção de prédios com muitos pavimentos, descaracterizando a paisagem anterior muito mais agradável, com a maioria de prédios com até 3 andares.

Não por acaso, suas salas foram construídas com tamanho para receber turmas entre 50 e 100 estudantes, quantidade típica de aulas em cursinhos privados ou em qualquer espaço que trata educação como mercadoria e linha de montagem. Ainda resistimos para manter os regulamentos da UFSC que determinam que uma turma não pode ter mais de 40 estudantes.

Vale ressaltar que uma das paredes de concreto pré-moldado usadas no edifício caiu durante a construção e o prédio apresenta problemas conhecidos de infiltrações. Um dos problemas com um prédio tão alto é a possibilidade de ficarmos sem elevador, como de fato ocorreu por um período e motivou até mesmo o abaixo-assinado abaixo. Há quem diga que uma de suas faces, virada para o Colégio de Aplicação, não é tão retilínea quanto se esperaria.



Faixa estendida na mobilização para a Greve Geral de 14 de junho de 2019.
Fonte: APG UFSC.

Petição: “Acessibilidade já no Espaço Físico Integrado da UFSC”
<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR73874>

Labirinto do Minotauro (Blocos Modulados do CFM): dizem as lendas universitárias que estes corredores escuros e úmidos escondem uma figura mitológica, o Minotauro. Enquanto a Universidade não se comprometer a reformar um dos blocos mais antigos e esquecidos do campus, continuaremos a encontrar gravações de filmes de terror nesse local, além de infiltrações junto à fiação elétrica, ameaçando um novo crime similar à queima do Museu Nacional (2018). Cuidado para não se perder aqui.

MARquE: o Museu de Arqueologia e Etnologia possui um interessante acervo sobre povos pré-colombianos, indígenas, sobre a ocupação histórica da cidade e também sobre cultura popular. Eventualmente há exposições no local. Ao lado dele, fica uma construção de barro que abriga um típico engenho de farinha. O MARquE é um dos prédios mais antigos do atual campus Trindade.



Reprodução de uma Bernunça no MARquE.

Intervenções artísticas no CFM/UFSC:
<https://labirintoufsc.wordpress.com/>

Sobre a história do MARquE:
<http://museu.ufsc.br/memoria/>



Intervenção artística no CFM

Bosque de todas as artes: adorado pelos estudantes dos centros mais próximos, como o CFH e CED, o Bosque é muito mais do que uma área ao ar livre para o lazer. Movimentos como a campanha “Abril o bosque”, puxada pelo DCE em abril de 2009, ressaltaram esse local como palco de inúmeras intervenções e produções artísticas por parte de estudantes.

Palco, aliás, é o que o bosque já teve: uma estrutura onde se faziam piqueniques e ensaios de teatro, construída pela mobilização estudantil por arte e cultura em 2001, mas que se deteriorou e foi retirada por volta de 2016.

Hoje, quem tem trabalhado no bosque é o pessoal do Núcleo de Estudos em Permacultura, que tem um projeto de sistemas agroflorestais e educação ambiental no local. Entre o bosque e o RU, fica também o planetário.



Palco do Bosque em 2016, após a queda de árvores sobre a estrutura.
Fonte: CFH UFSC.

!Notícia: “É tempo de comemorar: o Palco do Bosque está completamente revitalizado!”

<https://dceufsc.wordpress.com/2010/03/18/e-tempo-de-comemorar-o-palco-do-bosque-esta-completamente-revitalizado/>

Projeto Bosque

<http://permacultura.ufsc.br/tag/proje-to-bosque/>

Planetário

<http://planetario.ufsc.br/>

Levante do Bosque: em 2014, policiais federais não-identificados vasculham objetos pessoais de estudantes no Bosque, encontrando alguns poucos gramas de maconha. Ao tentar sequestrar esses estudantes - pois não havia nenhuma identificação policial - foram impedidos por estudantes, técnicos e professores da UFSC que identificaram a ação arbitrária. O batalhão de choque da PM foi chamado, que interviu com bombas de gás lacrimogêneo e estilhaço, causando um grande conflito.

As aulas no NDI tiveram que ser interrompidas pelo efeito do gás policial. A comunidade universitária presente chegou a tombar um carro da DESEG e um carro descaracterizado da Polícia Federal durante a reação. Após esse momento, a Reitoria da UFSC foi ocupada com uma carta de reivindicações contrária à ação policial autoritária e violenta na Universidade.



Estudantes tombando viaturas de segurança durante o Levante do Bosque.
Fonte: Marco Favero/Agência RBS

Confronto entre estudantes e policiais transforma UFSC em campo de guerra

<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/03/confronto-entre-estudantes-e-policiais-transforma-ufsc-em-campo-de-guerra-4456527.html>

Página de facebook do Levante do Bosque

<https://www.facebook.com/LevanteDoBosque/>

Ocupação Levante do Bosque: carta de reivindicações à Reitoria da UFSC

<http://passapalavra.info/2014/03/93461>

Documentário "Levante"

<https://www.youtube.com/watch?v=hDI8-HrWJTl>

O limite da UFSC com o bairro Pantanal também tem suas histórias, apesar do CTC ser historicamente um Centro mais conservador. Aqui foram protagonizados muitos trancamentos das entradas durante as greves, incluindo o episódio em que o carro do professor Sergio Colle, racista de extrema-direita, foi depredado em 2019. O professor ainda gravou um vídeo com sua indignação, onde tenta rasgar uma faixa de greve e não consegue. No mesmo ano de 2019, em um dos dias de greve geral, uma bela barricada de fogo foi montada na Edu Vieira contra a Reforma da Previdência.

Por fim, não há como falar da Edu Vieira sem falar sobre sua desastrosa duplicação, que já se arrasta há anos. Durante algum tempo, a comunidade do Pantanal se mobilizou contra a obra, que privilegia o automóvel e promete descaracterizar o espaço do bairro. A UFSC chegou a cobrar uma grande série de contrapartidas para ceder parte de seu território para duplicação, como ciclovias e projeto de iluminação, mas acabou ficando sem quase nada do prometido.



Barricada de fogo feita na Edu Vieira durante a greve geral contra a Reforma da Previdência em 2019.

Vazamento de e-mails racistas e machistas de Sergio Colle e vídeo dele falhando em rasgar uma faixa em defesa da educação:

<https://rpefloripa.libertar.org/sergio-colle/>

Fazenda Assis: o terreno onde a UFSC está hoje pertencia à Fazenda Modelo Assis Brasil até 1962, quando foi comprada para trazer as 8 faculdades que existiam no Centro da cidade e se tornaram parte da UFSC em sua criação em 1960. A terra, praticamente abandonada, possuía na atual Botânica/CCB/UFSC sua sede. Mesmo cercada, ainda foi utilizada por habitantes da região rural como local de pastagem para seus animais por muito tempo, porque era uma terra comunal, de uso comum.

A escolha para a região inóspita foi polêmica em sua época: uma equipe de urbanistas deu parecer técnico de que seria impossível deslocar estudantes para um local tão distante e o Reitor da época foi derrotado no Conselho Universitário, pois defendia a UFSC no Centro da cidade.



Fazenda Assis Brasil, década de 1950. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Greves: além das ocupações, podemos lembrar de tantos episódios de greves ao longo das décadas, que conquistaram e mantiveram a universidade que temos hoje. Sabemos (ou participamos) da greve de docentes, TAEs e estudantes em 2000; greve de docentes, TAEs e estudantes em 2005; greve nacional dos TAEs em 2011; a grande greve nacional de docentes, TAEs e estudantes em 2012; greve nacional de TAEs em 2014 e a posterior greve local de TAEs da UFSC pela jornada de 30 horas; e greves estudantis por cursos na UFSC em 2015, 2016, 2018 e 2019, a sequência de ascenso da mobilização que vem desde os cortes de direitos de Dilma, passando pelo período Temer e Bolsonaro.

Em 2016, além das greves estudantis, tivemos ocupações nas escolas públicas e por Centros da UFSC, incluindo CED, CFH, MIP-CCB, Aplicação, CSE, CCE e Arquitetura. Em 2019, a maioria dos cursos fez assembleia própria e deliberou por greve.



Barricada de greve estudantil em 2019.

Página da Ocupa CSE (2016):

<https://www.facebook.com/ocupacseufsc/>

Página da Ocupa CCB (2016):

<https://www.facebook.com/ocupacccbufsc/>

Página da Ocupa CED (2016):

<https://www.facebook.com/ocupacedufsc/>

Página da Ocupa Aplicação (2016):

<https://www.facebook.com/ocupacaufsc/>

Página da Ocupa Arq (2016):

<https://www.facebook.com/ocupacaufsc/>

Página da Ocupa CFH (2016):

<https://www.facebook.com/ocupacaufsc/>

Greve nacional dos TAEs de 2011:

<https://www.youtube.com/watch?v=N2Lo5BX2Yk>

Vídeo do DCE UFSC sobre a greve nacional de 2012:

<https://www.youtube.com/watch?v=jfaJatHJbVE>

Greve nacional das TAEs (2014):

<https://www.youtube.com/watch?v=KH4ti5mthEg>

Greve local das TAEs pelas 30 horas, "UFSC de portas abertas" (2014):

<https://www.youtube.com/watch?v=jAfA3PofR9c>

UFSCtock: a partir da gestão do DCE de 2009, começou a ser organizado esse festival de música autoral independente, que ganhou proporções imensas, chegando a trazer BNegão e os Seletores de Frequência, Rincon Sapiência, Criolo, Karol Conká, Apanhador Só, Mohandas, Móveis Coloniais de Acaju, Carne Doce, El Efecto e Mombojó até 2014, sempre com acesso gratuito.

Em 2010, o show do BNegão puxou um coro de “quem não pula quer tarifa” que ganhou fama e criou uma expectativa de posicionamento político que sempre aparecia nos shows do UFSCtock. Nesse processo, deixou de ser uma iniciativa do DCE e se associou com a empresa Fora do Eixo, denunciada por muitas artistas e trabalhadoras como um esquema de exploração comercial por trás do discurso ativista. Com mudança nos grupos políticos por trás do DCE, a entidade passou a promover a Semana de Arte Popular (SAPo), com outra perspectiva.



BNegão se apresentando no UFSCtock 2010.

Reportagem sobre o UFSCtock 2010:
<https://www.youtube.com/watch?v=IDag420sl3c>

Sites da SApo:
<https://semanadeartepopular2013.wordpress.com/>
<https://ii-sapo.wixsite.com/sapo>

Dossiê “Fora do Eixo” no Passa Palavra:
<https://passapalavra.info/2014/05/95606/>

Murais: há várias obras de arte rebelde pelas paredes da Universidade. Entre aquelas que mais chamam atenção, estão aquelas inspiradas no muralismo chileno, proposta estética que tem uma longa história na esquerda latinoamericana, do Chile dos anos 1970 até lutas atuais. O primeiro mural nessa estética foi pintado durante a SApo, a Semana de Arte Popular organizada pelo Movimento por uma Universidade Popular, em frente ao RU. Outro mural na mesma estética existe dentro do prédio EFI. Também é bem marcante o imenso mural nas paredes do CSE com referência ao poema “O operário em construção”.



Muralismo chileno em frente ao RU.

Cancelas e pipas: uma das maiores formas de uso e ocupação do campus, por alguns anos, era através da juventude que descia o morro para soltar pipa, em geral nos fins de semana. A UFSC chegou a receber competições informais de pipa, com dezenas delas nos céus. O próprio DCE chegou a organizar um torneio de pipas junto com as comunidades do entorno. No entanto, em 2013, a PM fez do campus uma verdadeira cena de guerra para expulsar essa juventude negra e pobre a tiros por estar soltando pipas. A Universidade alegava que os jovens ameaçavam pessoas e quebravam telhas para buscar as pipas nos telhados. Logo depois, cancelas também foram instaladas nas entradas, dificultando ainda mais o usufruto da área que deveria ser como um parque público, mas está cada vez mais vazia. As festas estudantis, que iam e vinham naquela época, acabaram sendo permanentemente proibidas.

Revolução dos bichos: a UFSC tem uma história particular em relação ao uso de animais em pesquisa. Em 1997, um estudante de Biologia raptou um cão que seria morto para utilização em uma aula e acabou denunciado à Polícia Federal. O caso teve repercussão nacional e ajudou a impulsionar mudanças na legislação e nas práticas cotidianas na UFSC, que restringiu bastante o uso de animais para fins didáticos anos depois. Em 2011, a obra de expansão do Biotério Central também sofreu um ataque incendiário reivindicado por uma célula do Animal Liberation Front, que divulgou um manifesto e vídeo da ação na internet. Uma pesquisa acadêmica de 2012 mostrou que 78% dos estudantes de Biologia da UFSC rejeitava a opção de pesquisar com animais, um valor muito acima do encontrado em outros cursos e universidades.

Vídeo “Cálice e os garotos de pipa”
<https://www.youtube.com/watch?v=7Nk61LtD2Cs>

Vídeo do ataque ao biotério em 2011:
<https://www.youtube.com/watch?v=sfaiVgYMKjA>

Tese de Thales Tréz, “O uso de animais no ensino e na pesquisa acadêmica: estilos de pensamento no fazer e ensinar ciência”:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96112/302848.pdf?sequence=1>



Cena do vídeo da ALF sobre o ataque na UFSC.

Composteira: ao lado do Biotério Central, existia também a composteira da UFSC, uma das maiores do país. Ela recebia todo o resíduo orgânico vindo do Restaurante Universitário e gerava toneladas de economia e adubo, destinados sempre a escolas, projetos sociais, hortas comunitárias, tudo gratuitamente. A metodologia desenvolvida e aperfeiçoada aqui chegou a receber o nome de Método UFSC; mais de uma tonelada diária chegou a ser compostada. Por falta de vontade política em solucionar questões relacionadas à regulamentação legal da composteira, que precisava mudar de local ou diminuir sua capacidade, a UFSC acabou com o espaço, com as bolsas que faziam uma maioria de estudantes dar vida ao projeto, e hoje pagamos milhões de reais anuais para uma empresa levar todo o resto de comida para um aterro.



Leira de compostagem no Método UFSC.

Conheça o método UFSC de compostagem de resíduos orgânicos

<https://www.naturezaeconservacao.eco.br/2017/07/conheca-o-metodo-ufsc-de-compostagem-de.html>

Quem somos

A Resistência Popular Estudantil - Floripa é uma organização que atua no movimento estudantil a partir dos princípios de autonomia, compromisso coletivo, autogestão, construção pela base, autocrítica, anticapitalismo, combate às múltiplas formas de opressões estruturais, ação direta e solidariedade de classe. Atuamos no movimento estudantil da UFSC, na disputa por uma universidade que sirva aos interesses das classes oprimidas e movimentos sociais.



RESISTÊNCIA POPULAR ESTUDANTIL
FLORIPA

MAIS FORTES SÃO OS PODERES DO POVO!

